

EDITORIAL

POESIA E ESCRITAS DE SI

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver, a *techné tou biou*, sem uma *askésis* que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo.

(Michel Foucault)

No século XX, com o alargamento dos campos de pesquisa historiográfica proporcionado pela *Nouvelle Histoire*, o uso de fontes específicas, consideradas como escritas memorialísticas, avolumou-se tanto com as novas escritas da história quanto com as da literatura devido à revisão da noção de arquivo. As pesquisas relacionadas com a micro-história, mediadas pela micronarrativa dos acontecimentos, proporcionaram destaque às novas “fontes” não só no âmbito da historiografia, da sociologia e da filosofia, mas, sobretudo e de forma bastante intensa, no da literatura, que sempre manteve um profícuo diálogo com os gêneros confessionais. Tais fontes, como as cartas, os diários, as biografias, as autobiografias, as autoficções e os memoriais, passaram a fazer parte do trabalho de escrita e de constante revisitação aos ofícios dos poetas.

As conhecidas “escritas de si”, que aqui pensamos a partir da perspectiva foucauldiana, compreendem práticas culturais pautadas nas manifestações memorialísticas de sujeitos que tratam do retorno da biografia como forma de ressignificar o ato de narrar interstícios de vida e de memória. Em nossa perspectiva crítica, essa interface aparece relacionada ao trabalho poético, bem como ao ofício do poeta, que se beneficia com esses entrecruzamentos. Como bem reflete Foucault (2012), escrever sobre si é um exercício contínuo. Trata-se, portanto, de

uma prática constante e irregular, assim como são as fases vividas. Projetar-se no papel é uma prática de leitura e de ininterruptos momentos de releituras, haja vista sempre haver um espelhamento de si nesse processo. Por isso, encontra-se, nas projeções do eu no papel, que é movido à maneira barthesiana da mão que escreve pelo prazer, um “exercício pessoal feito por si e para si” como “uma arte da verdade díspar”. Ou, mais precisamente, “uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso” (Foucault, 2012, p. 151).

Mais detidamente na metade do século XX, com a publicação do estudo paradigmático “A morte do autor” (1968), Barthes questionou a intencionalidade, a desconstrução da metafísica da verdade e do *cogito* cartesiano do escritor/poeta – substituído pela visão de um sujeito plural. Uma outra linhagem inspiradora do pensamento de Barthes abarca Mallarmé, Valéry e Blanchot, autores que buscaram o apagamento da figura do autor num momento em que se privilegiava a explicação do texto em função dos dados biográficos do escritor. Assim, as escritas de si privilegiam “autores de papel”, ou seja, espectros que não são sujeitos plenos nem detentores da origem do texto. Seguindo a esteira de Barthes, já na década de 1970, com *L'autobiographie en France* (1971), o crítico literário Philippe Lejeune passou a se ocupar da autobiografia, bem como de suas interfaces com outros gêneros memorialísticos, por intermédio de pactos implícitos entre autor, narrador e personagem. Tais contratos passaram, em sua perspectiva crítica, a garantir a identidade entre eles, subentendendo uma narrativa verídica sobre a vida do autor – sendo esta uma noção central na teoria da autobiografia. No campo estritamente poético, o pacto autobiográfico ressalta que a poesia, ao se valer dos elementos autobiográficos, é uma fabricação. Logo, o trabalho do poeta tem uma história por meio da qual tudo pode ser contado em uma escrita fragmentária, bem como por montagens e pela busca de uma verdade que escapa ao poder das narrativas habituais. Os poetas são, conforme Lejeune, inspiradores, e suas obras são oficinas que despertam o desejo de trabalhar com eles, de inventar nosso próprio caminho na e pela linguagem.

Nesse sentido, tendo em vista a vasta dimensão das escritas de si, a saber, a autobiografia, a autoficção, a biografia e, no caso da poesia, os biografemas e outras projeções do eu na escrita de poesia, o volume 22 – número 47 – da *Revista Texto Poético* recebeu

importantes contribuições de pesquisadores que se dedicam à perscrutação das práticas de escritas do eu e aos exercícios de leitura de poesia. Com mais de duas dezenas de submissões, tivemos um montante de dez artigos aprovados para o dossiê *Poesia e escritas de si*, junto de uma tradução que muito bem se aplica à proposta de escrita memorialística na poesia. Passemos, então, à apresentação dos textos que compõem este número da revista.

Abre o dossiê o artigo “Por uma (mito) poética ritualística e alquímica em *Metal Rosicler* (1960), de Cecília Meireles”, de autoria de Rodrigo Felipe Veloso. O estudioso investiga o uso da linguagem simbólica de Cecília Meireles, descrevendo a forma como a poeta resgata concretamente os acervos da mitopoesia e a imagem ritualística e alquímica no livro de poemas *Metal Rosicler* (1960), para, assim, elaborar uma linguagem poética e simbólica. Na obra, o eu-lírico dos poemas selecionados dialoga com diversas instâncias da existência humana, utilizando a água como um dos principais elementos naturais para explorar sua jornada espiritual e existencial. Em sua leitura da poética de Cecília Meireles, Rodrigo Veloso destaca como a poeta aciona memórias que transcendem o plano individual, alcançando uma dimensão coletiva e histórica, o que evidencia a interdependência entre a memória pessoal e o contexto social.

O segundo artigo do dossiê é intitulado “Liquid reflections: water imagery and poetic self in Elizabeth Bishop’s work”, assinado por Priscila Célia Giacomassi. Nesse estudo, Giacomassi lê a poesia de Elizabeth Bishop marcada pela ausência de um lar fixo e pelo posicionamento do eu poético em condição de entre-lugares, expresso por meio de estratégias distintas. Entre elas, a crítica destaca a imagética da água, especialmente em poemas de atmosfera onírica, a qual funciona como um veículo simbolicamente rico para a autorrevelação. Para tanto, é examinado o uso de imagens aquáticas empregadas por Bishop ao longo de sua obra, destacando suas representações mutáveis, possibilidades interpretativas e a contribuição para a construção de uma atmosfera onírica. A análise considera tanto a importância da água em poemas individuais quanto no seu papel mais amplo como meio de projeção e reflexão do eu mais íntimo da poetisa.

Dando continuidade às relações entre poesia e escritas de si, o artigo “A insurreição da poesia: Herberto Helder e a palavra como fundação”, de Luis Maffei e Lorraina Almeida, examina a poética de Herberto Helder como insurreição da linguagem e gesto de fundação

ontológica. Em diálogo com Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Franco Berardi e a crítica contemporânea, a partir de Serrão de Souza e Maffei, os autores do ensaio leem *A colher na Boca* (1961), com ênfase no conjunto de poemas “O poema”, acompanhando seu percurso iniciático, que vai do nascimento da palavra à sua exposição ao mundo. A leitura dos estudiosos evidencia a centralidade do corpo e do sagrado como experiência material e sacrificial. Além disso, nesta leitura da poética de Herberto Helder, Maffei e Almeida destacam a criação poética como ética da criação, na qual o poema realiza o sagrado e reinscreve a possibilidade de sentido entre poeta, povo e mundo.

O quarto e o quinto artigos são intitulados como “Sobre os usos públicos e privados: o pseudônimo como estratégia de negociação entre Sylvia Plath e Adília Lopes”, de Ana Beatriz Affonso Penna, e “Visitas, telefonemas, tempos em suspenso: dois poemas para Ana C.”, de Danielle Freitas Oliveira. No estudo de Affonso Penna, a articulista examina a relação intertextual entre Sylvia Plath e Adília Lopes, centrando-se no romance *A Redoma de Vidro* e na estratégia do pseudônimo comum a ambas as autoras. Nesta leitura comparada, percebe-se como Victoria Lucas, de Plath, e Adília Lopes funcionam como ferramentas para construir uma *persona* autoral em certo grau distinta da identidade civil, permitindo negociar as expectativas de gênero associadas à assinatura feminina. Por meio deste recurso, as autoras exploram temas tabu, como a saúde mental e a sexualidade, estabelecendo um distanciamento produtivo entre a vida e a obra. O estudo demonstra como o pseudônimo opera enquanto mecanismo de resistência contra leituras biografistas redutoras, afirmando a autonomia da criação literária perante constrangimentos sociais e críticos. Já no artigo de Danielle Freitas Oliveira, deparamo-nos com uma leitura do livro *De cor* (1988), de Armando Freitas Filho, e “Duas visitas”, poema incluído em *Cortes/toques* (1988), de Sebastião Uchoa Leite, a partir das remissões à memória de Ana Cristina Cesar. O suicídio da poeta, em 1983, provocou um impacto emocional considerável e instaurou uma linha lutuosa de poemas que interrogaram o mistério da sua morte repentina. A leitura comparada feita por Oliveira ressalta como Armando cria um amplo espaço para a lembrança e para o que ficou no coração, mas também para o esquecimento. Já em “Duas visitas”, o silêncio e o mistério da morte atravessam o poema e emprestam a ele uma condição lacunar.

O sexto artigo, que também entrelaça, com interessante afincio, poesia e escritas do eu, é nomeado “Entre o testemunho e a performance: limiares da ação política na poesia encarcerada de Oswald Barroso”. Giselle Lopes Souza e Nelson Martinelli Filho, autores do trabalho, entendem que, embora a performance em vida do poeta, ator e dramaturgo Raimundo Oswald Cavalcante Barroso tenha se encerrado em 2024, suas obras são arquivo, são memória, são, em suma, repertório nas mãos daqueles que têm compromisso ético em não deixar que a memória da vítima morra com ela. Sua poesia foi mais que sobrevivência, foi ação. Na reflexão apontada pelos articulistas, a obra *Poemas do Cárcere da Liberdade* (1979) impõe sua relevância psíquica, ideológica, literária, ao se instaurar como uma grande performance do poeta-herói “conclamado” (chamado aos brados, de forma incisiva e acentuada, por folhetos, por panfletos) para sobreviver à barbárie e perpetuar o legado da resistência política.

Em seguida, há o artigo “Entre a guerra e a lírica: o eu fragmentado em ‘Acabada a segunda guerra mundial’”, de autoria conjunta de Ana Paula Silva e de Silvio Cesar dos Santos Alves. No estudo, há uma instigante leitura do poema “Acabada a segunda guerra mundial”, da poeta portuguesa contemporânea – de origem romena – Golgona Anghel, em que os autores destacam como o autorretrato construído no poema rompe com a tradição confessional e lírica. O artigo evidencia, ainda, a permanência das ruínas da guerra como metáfora para a precariedade, a crise e a instabilidade contemporâneas, articulando vozes oficiais, ironia e fragmentação. Na leitura de Silva e Alves, mostra-se que o eu poético surge descentrado, atravessado por discursos externos e pela falência da linguagem. Assim, o poema configura um autorretrato crítico e instável, que desloca a noção de identidade e ressignifica a experiência histórica e subjetiva. O oitavo artigo é intitulado como “‘Ver no escuro’ é infinito”, de autoria de Cláudia Mentz Martins e Karine Rodrigues de Oliveira, e tem como intento medular a leitura da poesia de Cláudia R. Sampaio. Por se tratar de uma das vozes da novíssima geração da literatura portuguesa, as autoras destacam que a poeta portuguesa possui uma produção que transita pela poesia, pelo teatro, pelo cinema e pelas artes plásticas. No estudo, as pesquisadoras destacam imagens do livro *Ver no Escuro* (2016), que pensa a poesia como um meio de libertação do psiquismo, visto que ocorre um movimento, entre o ser-poeta e sua urdidura, em que o criador também é construído pelo que cria.

Encerram o dossiê os artigos “Demarcar, reescrever: identidade e resistência, na perspectiva da poética do eu-nós, em *Tempo de Retomada* (2025), de Trudruá Dorrico”, de Priscila Vasques Castro Dantas, e “Acordes entre o singular e o plural: a voz que canta a vida e a morte em *Grumixamas e Jaboticabas*, de Viviane Nogueira”, também em dupla autoria de Carla dos Santos e Silva Oliveira e Leonardo Davino de Oliveira. No primeiro destes artigos, Castro Dantas analisa a obra *Tempo de Retomada* e reflete como a voz-poesia de Trudruá Dorrico reinscreve as identidades indígenas no território da cultura, usurpado pelas formulações colonialistas. A partir da perspectiva da poética do eu-nós, fundamental para a leitura da literatura indígena brasileira para postulados de escritores e pesquisadores indígenas brasileiros e para o olhar pós e decolonial, a articulista ressalta as questões da identidade e da resistência a partir de três poemas da referida obra, evidenciando como esta escrita de si é também uma escrita de ancestralidade, coletividade e pertença, que retoma, demarca e reescreve. Já no artigo que finda o dossiê, os articulistas examinam como se constitui uma trama de estima entre o eu do poema e a pluralidade da vida terrestre, concentrando-se no embate com o passado colonial brasileiro, que alça essa voz enunciadora a um pensamento acerca da coletividade.

O presente número da *Texto Poético* conta, ainda, com uma tradução de um texto bastante pertinente quanto à relação entre poesia e escritas de si. Trata-se do ensaio de Alain Vaillant, intitulado “Modernidade, subjetivação literária e figura autorial”. O trabalho foi traduzido pelas estudiosas Francine Fernandes Weiss Ricieri e Maria Lúcia Dias Mendes. Sem sombra de dúvidas, é uma generosa contribuição ao tema do dossiê: a relação entre poesia e escritas de si.

Por fim, esperamos que o presente dossiê possa iluminar ainda mais os entrelaçamentos das escritas do eu com a prática de escrita de poesia. Desejamos, sinceramente, uma ótima leitura.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, 144 – 162.

LEJEUNE, Philippe. *L'autobiografie em France*. 2. ed. Paris: Armin Colin, [1971] 1988.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

Paulo Sales¹
Pedro Eiras²

¹ Professor do Instituto Federal Goiano Campus Hidrolândia e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: paulo.alberto@ifgoiano.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9980-2561>

² Faculdade de Letras da Universidade do Porto e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto, Portugal. E-mail: peiras@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5296-6806>